intexto
E-ISSN 1807-8583

UFRGS
PPGCOM

Aprender a dançar sobre as correntes: entrevista com o sociólogo Vincenzo Susca

Tais de Barros
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Comunicação, Artes e Design, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2570-0583

Soraya Bertoncello
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Comunicação, Artes e Design, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID: http://orcid.org/0000-0002-1980-299X

Vincenzo Susca
Université Paul-Valéry, Departamento de Sociologia, Montpellier, França
ORCID: http://orcid.org/0000-0002-5489-6514

Resumo

Entrevista com o sociólogo italiano Vincenzo Susca, realizada em junho de 2023, durante sua passagem por Porto Alegre, quando ministrou aulas sobre paisagens midiáticas e imaginário, a convite do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Na conversa, o professor associado de Sociologia do Imaginário na Universidade de Paul-Valéry 3 (Montpellier, França), falou sobre imaginário, tecnomagia e defendeu a necessidade de "aprender a dançar" sobre as cadeias impostas por uma sociedade cada vez mais governada por algoritmos.

Palavras-chave

imaginário; tecnomagia; pós-humanidade; sociologia; algoritmos

1 Introdução

O sociólogo italiano Vincenzo Susca se dedica a investigar os processos de midiatização do cotidiano, o corpo no mundo contemporâneo e as formas de estar juntos na vida em rede. Atualmente professor associado de Sociologia do Imaginário na Universidade Paul-Valéry 3 (Montpellier, França), Vincenzo defende que a mídia se tornou um conceito

amplo, que inclui todo o aparato tecnológico que permite a comunicação humana. Ele defende que a mesma tecnologia que domina politicamente a sociedade permite a criação de novos mundos possíveis, diferentes formas de sociabilidade e de convivência efêmeras, mas, ao mesmo tempo, resistentes às opressões.

Amante de música eletrônica e com diversas referências culturais, Vincenzo Susca tem vários livros publicados, como *As afinidades conectivas: para compreender a cultura digital (*Susca, 2019*), Pornocultura: viagem ao fundo da carne* junto com Claudia Attimonelli, (Attimonelli; Susca; 2017), ambos pela Editora Sulina; e *Tecnomagia, estasi, totem e incantesimi nella cultura digitale* (Susca, 2022), Edizioni Mimesis, ainda sem tradução para o português.

Sua obra é bastante interdisciplinar, dialogando com a comunicação, as artes, a estética e a política. Como foi seu percurso acadêmico até chegar aos seus atuais interesses? E como a Sociologia do Imaginário pode contribuir para pensarmos os fenômenos contemporâneos?

Tenho uma formação acadêmica multidisciplinar porque comecei meus estudos em Roma (La Sapienza), na Faculdade de Ciências da Comunicação a qual era, propriamente, multidisciplinar. Aquele tipo de faculdade do pensamento de Umberto Eco, portanto, semiótico, com uma série de sociólogos da comunicação. Em seguida, fiz um doutorado em Sociologia do Imaginário na Sorbonne orientado por Michel Maffesoli e em Ciências da Comunicação em Roma, orientado por Alberto Abruzzese, razão pela qual meus estudos são permeados por esses atravessamentos entre a sociologia, a estética, a antropologia e a semiótica.

A Sociologia do Imaginário, assim como, em geral, os estudos sobre imaginário hoje, são extremamente úteis, porque o comportamento social é cada vez mais moldado pela presença de emoções, paixões, pulsões; governados por essa trama invisível. O imaginário, fundamentalmente, é essa rede de símbolos, paixões, sentimentos, que não podemos ver, mas que determinam a nossa existência. Então, é fundamental compreendê-lo e conhecê-lo.

Sobre a midiatização de nossas vidas, o famigerado "se não está na internet não aconteceu": em um mundo onde o espaço público está nas telas, e nosso espaço de fala é uma linguagem midiática, ainda há lugar para a existência fora da internet?

É uma boa pergunta. Este espaço fora da rede da internet é sempre mais limitado. Sobretudo neste ponto, o imaginário da web, a psicologia da internet influi em modo direto e tangível na vida física. Uma das hipóteses da minha pesquisa é que o território físico é, nesse ponto o segmento do território midiático, o que vira nossa paisagem e nossa linguagem. Em minha opinião, é mais interessante, hoje, verificar quais são as conexões entre o território midiático e o físico, ao invés de andar procurando de que modo o território físico consegue ser desvinculado, livre, independente, daquele da internet. Direi outra coisa, uma provocação: é mais interessante, hoje, intervir na *Matrix* (The Matrix, 1999) para modificar o território material em vez de querer separar o material da internet.

Existe um momento de virada de chave, onde a técnica deixou de ser a arte do *logos*, a ferramenta da lógica, para se tornar tecnomagia? Na sua opinião, quando nós, enquanto pessoas vivendo em tantas tribos pós-modernas (ou pós-humanas, se preferir) passamos a viver o êxtase místico e o estar-junto mediado pela tecnologia?

Certamente a condição contemporânea é caracterizada por uma tensão tecnomágica. Isso quer dizer que, de fato, a relação entre a técnica e os seres humanos não é mais mediada pela razão, pelos projetos, pelo pensamento..., mas pelas formas de afeto, paixão, por uma espécie de feitiço que não tem mais a ver com a razão, mas se relacionam a uma condição arcaica feita de atração, pulsão, repulsa... Essa matriz arcaica vem acompanhada de um salto ao imaginário futurista. E por futurista, entendo algo que sobrepassa o ser humano na sua carne, no seu corpo, na sua vida física, que tem a ver com formas de contaminação do humano com o diferente de si mesmo. O diferente de si mesmo é a fantasia, a técnica, mas também a natureza.

Portanto, o imaginário arqueofuturista tecnomágico implica no fato que nos encontramos em tantas cadeias, somos sempre encadeados. Eu penso que somos encadeados em cadeias sem fio, nas quais o indivíduo não é mais sozinho, não é nunca sozinho, é sempre condicionado pelo outro, tem sempre a respiração do outro no pescoço numa condição

erótica, onde erotismo não é simplesmente sexo – também, mas não apenas - onde erotismo quer dizer conjunção, quer dizer dependência, quer dizer perda de si mesmo no outro.

A tecnomagia é essa dança entre as cadeias, o fato de depender de outro, de ser atraído e rejeitado, de ser encantado. Isso quer dizer não ter uma relação de abstração em respeito ao mundo, mas de emoção, de empatia.

E a tecnomagia é, sem dúvidas, hoje, um tipo de luz em uma condição trágica, é uma forma de alegria trágica porque, ao mesmo tempo, nas cadeias tecnomágicas se esperam novas e inéditas formas de prazer, de atração, de sedução, mas também de sacrifícios, onde o indivíduo se cede ao outro, onde a carne é sacrificada, onde o ser humano sofre.

Se pensarmos em tantas cenas contemporâneas – penso na cena do pornô, penso nas novas festas – o ser humano cede as partes de si, as vezes sofre, as vezes se sacrifica, em nome de uma comunhão, de um prazer, de um êxtase. Portanto a dor extrema acompanha o prazer extremo, e essa é uma condição, a meu ver, tecnomágica.

Nós viemos de uma pretensão utópica de que a internet e as redes seriam um avanço para uma sociedade globalizada, com menos muros e mais pontes. Porém, o que se observa nas redes é a criação de bolhas e tribos divididas por afinidades específicas, onde o diálogo com tribos opostas é difícil - quando não, agressivo e violento. Um dos fenômenos mais curiosos da internet, hoje, é a ideia de cancelamento, quando grupos promovem a reavaliação de figuras públicas por conta de divergências morais, éticas ou políticas. Falhamos em construir pontes de diálogos entre grupos ou as redes ainda apresentam um avanço frente ao desenvolvimento de empatia e conexão como sociedade?

A empatia é um registro central na condição digital que, de acordo com meu ponto de vista, é marcado da época da opinião pública à época, que eu chamo, da emoção pública. Ou seja, de um período no qual a razão de um indivíduo, em colaboração com tantos outros indivíduos, que governa o mundo, a uma condição em que não é mais a razão individual que organiza o mundo, mas a emoção pública. O fato de codividir emoções com outros. Uma passagem de um mundo marcado pela abstração e pelo individuo a um mundo baseado nas emoções, na empatia, no nós. Esse nós não é simplesmente um nós social, pelo contrário, é a nossa condição contemporânea.

O ser humano, sobretudo o homem, o macho, deu um passo atrás e superou, excedeu, o diferente de si mesmo, a alteridade: a alteridade técnica, alteridade social, alteridade

natural. Hoje somos, contemporaneamente, governados pelos algoritmos, mas também governados pelas catástrofes naturais. É curioso: uma intensificação da potência dos algoritmos e da inteligência artificial está acompanhada pela intensificação, pelo retorno do poder da natureza, uma potência brutal, chocante.

Pensem na pandemia da covid-19, no aquecimento global, para perceber o quanto o ser humano, de um lado, a respeito da tecnologia, de outro, em respeito ao mundo e a natureza, está em segundo plano. Portanto, a condição da emoção pública prevê uma forma de dependência na qual não somos mais nós a pensar, mas somos pensados; e não somos mais nós a dirigir, mas sermos dirigidos.

Em uma condição na qual não estamos mais ligados ao outro pela razão, mas pela emoção, prevalecem dois sentimentos de base: a atração e a repulsa, Eros e Tanatos. E, portanto, uma parte *love*, *good vibes*, *follow*, *smile* e outra de *haters*. A *cancel culture*, que vocês chamam de cultura do cancelamento, é uma forma cultural. Na realidade, é uma forma de fantasia de poder, de contra fantasia do poder, na mão dos bárbaros, dos ignorantes.

Me explico: não quero defender a cultura do cancelamento, mas do ponto de vista sociológico, sou muito atraído pela fantasia da *cancel culture*, das fake News, das *fake words*, porque me parece uma fonte bárbara, astuta, irônica, nas mãos dos desesperados da terra, dos desgraçados, daqueles que são mantidos à margem, contra a elite. É algo que se precisa entender, na sua inteligência paradoxal: a capacidade de fazer tábula rasa da história para contar outra história, pelas mãos de quem não tem história, e isso é interessante.

O que vem da América do Norte, da América do Sul, a respeito das estátuas, é um típico exemplo: o fato de querer se livrar da história vestindo os óculos de hoje para julgar o passado. Naturalmente, os protestos racionais têm alguma coisa de chato, de insuportável, no fato de não compreender que, no século XVI, eram legitimadas atitudes contrárias aos negros e às mulheres, por exemplo. Julgar uma pessoa, cancelá-la da história porque era racista, misógina, homofóbica, hoje, pode parecer naturalmente errado e ridículo.

Ao mesmo tempo, acho, de alguma forma, sábio e, de qualquer forma, irônico, que povos que não puderam contar a própria história possam completamente reinventar o passado, cancelar o passado para construir o presente. E devo dizer que, de qualquer maneira, este comportamento não é tão novo. Todas as revoluções, todas as mudanças culturais, foram sempre feitos sobre a base da tradição ou em uma oposição imaginária a uma tradição. A tradição, em geral, é uma invenção, é uma interpretação social.

Penso, então, que deveríamos estar muito atentos em respeito à *cancel culture*, ao invés de nos preocuparmos com o caráter violento ou o caráter unívoco da *cancel culture*. Eu prefiro me preocupar de dar, seriamente e massivamente, a voz aos povos, identidades e culturas às quais nunca foi dada voz. Provavelmente, se fossemos mais sensíveis a respeito de causas como o *Black Lives Matters*, se fossemos mais atentos a limitar a violência da polícia contra os negros, não teríamos o problema de recriminar a destruição de estátuas. E se eu tivesse que dizer tudo o que penso, acho que é menos grave destruir uma estátua do que assassinar por espancamento uma pessoa apenas porque tem a pele negra.

Estamos vivendo a ascensão das inteligências artificiais, como o Chat GPT, geradores de imagens como o Dall-e e, mais recentemente, geradores de vídeos. Considerando o avanço acelerado dos movimentos tecnológicos e que, no ano passado, a principal discussão era o metaverso e, atualmente, discutimos os problemas de propriedade intelectual de inteligências artificiais, qual a sua percepção sobre o desenvolvimento social da humanidade? Na sua opinião, seria de fato possível, como sugerem alguns empresários e pesquisadores, parar – mesmo que temporariamente - as pesquisas em inteligência artificial ou seguiremos no culto a tecnologia quase sem limites?

Agradeço pela pergunta, pela consideração. Em geral, não acredito que este tipo de sistema possa ser parado. Pelo contrário, se observamos a história dos últimos séculos, nos damos conta que a cadeia técnica, o processo técnico, atingiu uma autonomia total. Heidegger profetizou, há tantos anos, quando falava da vitória da metafisica: Heidegger considerava sobretudo o período da Segunda Guerra Mundial como um momento central para compreender a autonomia da técnica sobre os seres humanos. Então acho que não se pode afirmar, pelo contrário, que, em qualquer modo, nos tornamos – como disse McLuhan no seu primeiro livro *The Mechanical Bride* – "os servomecanismos da tecnologia" (McLuhan, 2001). Somos os agentes produtores da tecnologia e nada mais. Aquilo que, porém, estamos fazendo é, estamos aprendendo, como disse Donna Haraway (Haraway, 2023), a viver em um mundo infectado o qual, em termos tecnomágicos, seria encontrar liberdade em um sistema onde não há mais liberdade, achar prazer num mundo sem prazer, achar divertimento em um mundo que é o do *entertainment*, mas não há mais divertimento.

Acho que essa atividade desesperada é como o coração pulsante da vida cotidiana hoje. E minha chave de leitura para compreender o cotidiano, mas também para acompanhar

o processo contemporâneo, é aquela de tomar nota, de constatar uma espécie de dança sobre as ruínas, uma dança sobre as correntes. Os sujeitos contemporâneos, a diferença daquilo que colocava a filosofia da história para toda a modernidade, com o sonho marxista de romper as correntes, ou de se apropriar das correntes, não quebram mais as correntes. Não se apropriam mais das correntes. Aquilo que tendem a fazer é não trabalhar, trabalhar menos ou dançar entre as correntes, sair e encontrar um modo de se divertir, se distrair, senão de gozar, onde não se pode.

Se pensarmos em todas as contraculturas dos anos 1960 até hoje – penso a partir do movimento punk até a cena das festas rave – elas nos sugerem essa alegria trágica de encontrar o prazer onde ele não existe. Penso, particularmente, no movimento da cultura e da música techno, que surgiu em Detroit e se desenvolveu em Berlim: é uma música que nasce nas fábricas, com o som das máquinas, em um contexto de alienação, em um contexto de um governo de sistemas técnicos, porém, distorcendo a ordem do sistema contra a produção, mas pela festa. Acredito que este tipo de cultura se está difundindo hoje e o vemos na América do Norte, no movimento da *Great Resignation*; o vimos durante a pandemia, na proliferação de festas e festas rave; o vemos através do acesso e do consumo de drogas; tantos os indicadores que nos sugerem o abandono do sujeito, uma forma de êxtase.

Para mim, a tecnomagia é um êxtase no coração da distopia, é um modo desesperado e extremo de gozar apesar de tudo. Nesse sentido, a relação com a inteligência artificial, com as máquinas, com os algoritmos, pode ser uma relação de astúcia, de esperteza, de resistência, no sentido do lazer. Ao invés de destruir a inteligência artificial – que não se pode destruir, pois é um sistema que vive de si mesmo – podemos aprender a dançar dentro desse sistema, jogar com ele, destorcê-lo e até colaborar, sabendo muito bem que não temos a força de deformá-lo ou de mudá-lo, mas que devemos agir com astúcia, como fizeram os escravizados negros quando inventaram o samba no Rio de Janeiro. O samba nasce como forma de resistência, de lazer, em um contexto de escravidão, de violência, de opressão e de alienação. Devemos aprender o samba dos algoritmos e da inteligência artificial.

Referências

ATTIMONELLI, Claudia; SUSCA, Vincenzo. **Pornocultura**: viagem ao fundo da carne. Porto Alegre: Sulina, 2017.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza** - símios, ciborgues e mulheres. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

MCLUHAN, Marshall. **The mechanical bride**: folklore of industrial man. Berkeley: Gingko Press, 2001.

SUSCA, Vincenzo. **As afinidades conectivas**: para compreender a cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2019.

SUSCA, Vincenzo. **Tecnomagia, estasi, totem e incantesimi nella cultura digitale**. Milano: Mimesis. 2022.

THE MATRIX. Direção: Lana Wachoswki. Roteiro: Irmãs Wachowski. Los Angeles: Warner Brothers, 1999. 1 DVD (137 min).

Learning to dance on chains: Interview with sociologist Vincenzo Susca

Abstract

Conversation with the Italian sociologist Vincenzo Susca in June 2023, during his visit to Porto Alegre, when he taught classes on mediascapes and the imaginary at the Graduate Program in Communication at Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, Brazil. In the interview, the associate professor of Sociology of the Imaginary at the University of Paul-Valéry 3 (Montpellier, France) spoke about the imaginary techno-magic and defended the need to "learn to dance" over the chains imposed by an increasingly algorithm-governed society.

Keywords

imaginary; technomagic; post-humanity; sociology; algorithms

Autoria para correspondência

Tais de Barros
tais.barros.rs@gmail.com

Como citar

BARROS, Tais; BERTONCELLO, Soraya; SUSCA, Vincenzo. Aprender a dançar sobre as correntes: entrevista com o sociólogo Vincenzo Susca. **Intexto**, Porto Alegre, n. 56, e-136389, 2024. https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.136389

Recebido: 24/10/2023
Aceito: 08/11/2023

Copyright (c) 2024 Tais de Barros, Soraya Bertoncello, Vincenzo Susca. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.